

(aprendendo)
**Direitos Humanos com
 Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 44, abril 2019,
 Perfil Sindical]

Modelo Operário Italiano (1)

por **Editores do Boletim**

O livro *Ambiente de Trabalho – a luta dos trabalhadores pela saúde* de Ivar Oddone, Gastone Marri, Sandra Gloria, Gianni Briante, Mariolina Chiatella e Alessandra Re foi editado no Brasil em 1986 e reeditado em 2020. A apresentação da 1ª edição brasileira foi escrita (reproduzida na reedição) por David Capistrano*. Nela, ele conta que conheceu Oddone, um dos autores do livro, em 1979, em Roma.

Na época, assinala David, em São Paulo “*dávamos os primeiros passos no caminho de construir um pensamento e uma prática novos, progressistas e afinados com as aspirações dos trabalhadores, no campo da saúde ocupacional*.” Era o tempo de organização da Reforma Sanitária Brasileira e o termo saúde ocupacional ainda não havia dado lugar à expressão saúde do trabalhador, posteriormente consagrada na Constituição Federal de 1988. David se disse muito impressionado com Oddone por sua “*sólida cultura, firme compromisso com os trabalhadores e agudo sentido de realidade*”. Associava essas qualidades àquele que foi um dos principais mentores do modelo operário italiano (MOI) à sua valorização da prática, ação e trabalho concreto. Continuando sua apresentação, David relata o que vinha sendo feito desde 1979 até o momento de lançamento do livro, em São Paulo, com destaque para as semanas de saúde do trabalhador, que deram origem ao Diesat [Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho], os vários encontros, congressos e publicações.

Relata também que vários sindicatos criaram comissões de saúde e começaram a surgir os Programas municipais e regionais de Saúde do Trabalhador. Estes que foram os embriões dos atuais Cerest [Centros de Referência em Saúde do Trabalhador] da Renast [Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador].

David chamava a atenção, também, para o crescimento do número de técnicos - médicos, engenheiros, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, químicos etc. - cuja visão assumia o ‘*ponto de vista de quem trabalha*’.

Refutava a visão patronal ou “imparcial” desses técnicos.

Ou seja, em sua apresentação, David enaltecia “*o crescimento do movimento em defesa da saúde dos trabalhadores*”, mas, em sua precisa e arguta análise, de forma muito sintética, alertava para quatro grandes obstáculos do movimento. Todos, à época (1986), ainda “*longe de terem sido removidos*.” O primeiro obstáculo era a “*persistente dificuldade de enraizamento dos sindicatos nas fábricas*”.

Dizia que nos locais de trabalho, sem deitar raízes o movimento seria impossibilitado de desenvolver a luta pela saúde com a força necessária para remover as condições nocivas. A razão, assinalava, é que os operários detinham o conhecimento necessário e específico para essa mudança. O segundo era a incompreensão, por parte de grande parcela do movimento sindical, de que a luta pela saúde era um fator de organização do sindicalismo nas empresas.

O terceiro era a questão da “consciência ecológica”. A fragilidade dessa consciência presente no movimento sindical acarretava a “*frouxidão dos laços*” entre os movimentos sindical e ambientalista. O argumento?, dizia David: “*a degradação do ambiente natural e das cidades, a contaminação que atinge a todos enquanto consumidores e enquanto moradores, tem origem nos locais de trabalho*”. E ressaltava a necessidade de uma aliança entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura e da ciência. Finalmente, o quarto obstáculo, em que assinalava não ser o menos importante, era “*o raquitismo de nossa democracia*”. Essa democracia, dizia, detinha-se na porta das fábricas e na porteira das fazendas.

David conclui sua apresentação dizendo que o livro ajudará a unidade na luta dos “vermelhos” e dos “verdes”.

Em pouco mais de duas páginas, David Capistrano escreve uma pérola de reflexão e atualidade que nos infunde respeito e saudade.

* **David Capistrano da Costa Filho**

Médico, militante político de nascença
 (seus pais foram dirigentes comunistas),
 também dirigente partidário (primeiro PCB depois PT).

Um dos expoentes da Reforma Sanitária,
 sua luta incansável pela saúde e pela justiça
 não cabe num pequeno espaço.

Fica dele uma frase de 1966:

**“Só me sinto homem, radicalmente distinto de todos os
 animais, na condição de amigo.**

A mais alta e a mais dignificante das condições: amigo.

E comuna. Amigo, amigo-comuna, comunas.”

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.